



ALBUM

DO GRÊMIO L. "FREI MIGUELINHO"

ANNO 2.

Natal, 11 de Janeiro de 1933

NUM. 11

DIRECTOR SECRETARIO
Americo Lopes *Alcibiades Lisboa*

GERENTE
Joaquim Cavalcanti

ALBUM

No tribunal do amor (DIALOGOS) I BRILHANTES CUBIÇADOS

—Um brilhante! Ah, quem me dera um brilhante! E' tão bonito um brilhante! -Balbucou a moça, pegando meigamente nas mãos do mancebo que a contemplava extatica.

—Sim, querida, amas os brilhantes? Na verdade, os brilhantes são muito bonitos, e, por isso, infelizmente caros.

Fallou em uma amarga entonação na voz o mancebo de olhos castanhos e cabellos negros, que tinha óntro as suas as mãos do seu bem amada. E continuou, depois, como q' despertado por uma feliz idéa, deixando á flor dos labios transparecer n'um sorriso toda a pureza de sua alma de adolescente:—Mas... eu satisfarei a tua vontade, queridinha; eu dar-te-ei muitos brilhantes... se me escutares attentiosamente

—Oh!.. de certo?! Falla; sou toda avidos.

—Esenta: Existia em uma pequena cidade cujo nome não m'o fizeram saber, um usurario, ou melhor um *empenhador* de objectos para quem corriam todos os desgraçados que a mão do destino marcara com o estigma da miseria. Jolas, objectos de familia, lembranças de caros antepassados, tudo cahia nas mãos do miseravel judeu (porque esses homens são todos judeus) que, á troca de algumas moedas, conseguia apoderar-se

do objecto cujo valor era quasi sempre duplo do que elle marcava. Esses homens sem escrúpulos, sem consciencia e caracter, acham-se hoje por toda parte onde fazem do degradante officio que exercem, não raras vezes, um foco de immensas riquezas que por ahí gyrar, sob o nome de bancos, companhia etc, etc, etc. Ora, aconteceu que um dia foi uma pobre mulher bater á porta do judeu, dizendo-lhe:—Senhor, eu sou uma desgraçada, uma infeliz viava que vos vem pedir uma esmola. Não julgueis pelas apparencias; se imploro á vossa bondade é porque realmente eu meçoço pedir. Meu marido (perguntai-o senhor) era um bom operario; todos estimavam-no. Deixou me tres filhos, e eram o meu thesouro: o primeiro morreu, coitadinho, e o segundo lá se foi tambem; eu bem que o vi voar e entrar no ceo. Eu chamara os medicos para tratá-los, mas os medicos disseram que os remedios eram mal applicados. Resta-me agora um... mas tão doentinho! Disseram-me q'era preciso tratá-lo... mas... e não tenho recursos... o ponço que vosnia já gastel com a molestia dos outros deus! Comprehedeis-me, agora senhor? Eu não quero que o meu *Genezinho* morra... Sols muito rico o bom, não é verdade? Não deixei meu filhinho morrer. Oh, uma esmola para mim o a vida para elle... Eu nunca pedi o que trabalho não chega para meu sustento.

E vendo que o avarento a contemplava em silencio, continuou de joelhos:

—Andai, senhor alguma cousa, andai...

—Levante-se ordenou, o usurario, para que esta choradeira? Vamos ver se lhe poderei ser util em alguma cousa:—Traz alguma joia, algum penhor?

—Eu?... nada senhor ...

—E nem possue coisa que o valha?

—Já não o disse, senhor?!

—E o que vem fazer aqui?

Não sabe que isto é uma casa de penhores, que nada se dá e sim se troca?

—Senhôr! E elle?

—Elle quem?

—O meu filho, senhor o meu filhinho doente, que quer morrer?...

—Ora...seu filho...seu filho... que morra!...

—?!!...

A mulher nada pode dizer; no seu rosto estampava-se todo confrangimento de sua alma.

O usurario olhou indifferentemente por cima dos oculos, para a rua e voltou-se, logo, bruscamente, para a infeliz, e disse-lhe apparentando uma certa compaixão:

—Mas...oh mulher

Esente; voçê parece ser uma boa creatura; não se affija que eu vou procurar e occorrei-a. Quer salvar seu filho, não é? Salva-o-á...

Olhe para a rua; vê aquella senhora que vai passando por aqui, em frente? Vê que lindo chapéo ella leva? Olhe para as mãos d'ella; vê que brilhos em seus dedos? Sabe o que é? São brilhantes, mulher. Ella leva brilhantes.

E accentuou a phrase.

—E' verdade, senhor, respondeu a martyr; vejo tudo isso; mas...eu não comprehendo, quero dizer: os brilhantes d'aquella dama não me interessam.

—Não comprehende? e não me vem pedir para eu salvar seu filho? Não lhe interessam os brilhantes d'aquella dama? Mas me interessam, comprehende agora? Não sabe ainda o que digo; pois vai já sabelo: Para voçe alcançar o que me pede, é preciso que me traga um brilhante como os d'aquella senhora.

—Mas como, senhor, não ve que é impossivel?

—Como? Seguindo-a, mulher, seguindo a dama nada tão facil..

—E depois?!...

—E depois! Depois... ora... ora... depois roubando-a...

—Eu senhor? que diz senhor? eu roubar, eu? E o senhor quem me está

PROSPECTO

O ALBUM será publicado duas vezes por mez e assignar-se-ha a 15000 por trimestre, pagos adeautadamente

REDACÇÃO E OFFICINAS

Rua Voluntarios da Patria n. 1

dizendo que eu roubo?

—Se é que quer salvar seu filho...
—Mas que infancia!

Um miseravel a mo dizer que eu roubo! Oh meu Deus, que horror! E sabio desesperadamente pela porta á fora, aniquilada, tromula e a cambalhoar como um óbrio.

—E os brilhantes? Ah, que martyr! Continua...

—Sim: A pobre mulher voltou d'ahi á pouco se esgueirando pelas paredes das casas, com uma mão crispada e cuidadosamente envolta nos miseraveis trapos de seu ebale. A' presença do usurario abriu os dedos e, então, se ponde ver brilhar furtivamente uma pedra de subido valor. Era um brilhante que ella roubára!

—Ella roubára?

—Sim; ella roubou para salvar o filho...

Mas o roubo é um crime, uma abominação que...

—Porem não o foi para ella...

—Porque, então?..

—Contam que, depois, todas as noites, em um ponto da cidade, essa mulher ajoelhava-se contricta e copiosas lagrimas corriam-lhe pelo rosto. Eram lagrimas de arrependimento.

Um dia viram-na assim chorar, e, então observaram que as suas lagrimas penas despregadas dos olhos, converti-m-se em pontos luminosos e scintillantes, em verdadeiros brilhantes.

—De formas que as lagrimas de arrependimento são verdadeiros brilhantes?...

—Brilhantes que são puros e raios como nenhum outro, brilhantes que confrangem a luz do Bem, brilhantes que illuminam a alma, que esclarecem a consciencia...

—Maa...

Comprehendo: reclamas o que te prometti; pois vai, minha querida, fazo como aquella mulher: arrepende-te do teu erro. Sim, meu amor, a cobicia é um vicio máu e de consequencias funestas; não desejos para ti o que não está no teu alcance; nunca mais invejes os brilhantes de outrem; vai, e verás como as lagrimas do arrependimento valem por todas as pedras preciosas do mundo.

Natal—12—12—1902

Paulo da SILVA.

As minhas duas vidas

(Sobre uma pagina de Bartrina.)

A' quem...

«A gente morre muita vez na vida»
E resuscita em breve transformado;
Eu já morri duas vezes, sim, querida,
E duas vezes hei resuscitado.

(pos

Dourava o sol do Malo os verdes cam-
E eu *vegetava*: á sombra dos enganos;
Tinha no rosto a cor dos figos lampoos;
Podia ter, então meus quatorze annos.

[rança

Uns olhos verdade, uns olhos de espe-
Uns olhos tentadores de menina [ança
Transformaram-me os sonhos de cre-
E transformou-se inteira a minha sina.

Pela primeira vez, então, arrei;
E senti que vivia aos quatorze annos...

A viver comecei

Dos proprios desenganos

Sonhava que me achava á sós com ella
N' uma casinha branca construida
N' uma campina bella!...

.....

E eis aqui minha primeira vida
Depois de longa morte usufruida!

Mas muito pouco a vida me durou...
Ella partio n'um dia de verão
Para longe, mui longe d'onde estou
Me deixando partido o coração!...

Não venho mais a luz d'aquelles olhos
Q' guardavam-me a vida dos escolhos;
Disse:—O! meu Deus, não sei p'ra q'
E... de novo morri!... [nasci!

Longo, por longo tempo vivi morto
A contar d'esse dia;

Procurava, tristissimo, amigo porto,
Um mundo de alegria...

E tudo me fugia e me deixava
Vagar na escuridão;
A terra parecia - ma o caixão
Em que me sepultava.

(rioso

Mas... um dia, um anjo, ente myste-
Me appareceu, me estendendo a mão,
Me fallou co' a ternura de um irmão:
«Confia em mim e sae desse horroroso
«Abyssmo em que divagas como cego!
«Vê tú: trago no peito um outro abys-
«E porem roseo e todo mysticismo! mó
«N'elle palpita a vida; é á ti que lego
«Este thezouro...eu quero q' em n'pol-
«Vivas preso; mas preso qual sustão. [to
«Deixa que falle o mundo do despeito;
«Para longo a tristeza e a solidão
«E a tua imbuensa dor;

«Te aquece ao sol do n' primeiro amor
«Q' brilha n'este abyssmo —o coração.»

E ao som da voz q' assim me desper-
(tava,
Julguei harpas ouvir *teneramente*
E conheci que a vida me voltava...

Tú que me deste a vida que hoje fruo
E um novo Eden me fizeste ver;
Tú q' és a Biblia em q' o espirito ins-
Povoa sempre d'illusões e amores [truo,
Este mundo em que tão duro é viver;
Converte os cardos do caminho em
(flores...

E..escuta bom: - não quero mais morrer!

Sei que algum dia viverei ausente
De ti, de todos que prezo e venero;
Mas longe, embora, eu saberei presente
Ter tua imagem. E quando o desespero
De uma faudado atroz te perseguir,
E o coração banhar-te um pranto mudo,
Lembrate, amor, q' eu d'isso-te ao partir:
—Eu morreréi p'ra o mundo, para tudo
Menos p'ra ti, p'ra os meus e para o
(Estudo.

Natal, —27—12—1902

Fernando de C.

Enoe Amorim

Na manhã de 4 do corrente, evolou-
se a bemaventurada mansá dos jus-
tos a alma candida da innocente Enoe,
filhinha estremeçada da Dr. Pedro
Amorim e adorada irmásinha do nos-
so collega Adalberto Amorim.

Tinha pouco mais de seis annos de
idade a quoridinha Enoe; porem n'a-
quello coraçãozinho de anjo já se
manifestava uma almasinha terna
e amorosa—cofre aberto para rece-
ber e guardar todas as dedicacões
e affeições de sua desvelada familia.

Iniqua e impiedosa morte! Nem
ao menos respeitas a innocencia dos
olhos das creanças nem te commo-
ves ante a dor dos corações pater-
nos!...

A's lagrimas da familia de Enoe
ajuntamos as expressões do nosso
sentimento, e ao nosso confrade A-
dalberto, mais particularmente, lhe
enviamos as mais sinceras manifesta-
ções de pozar—

Recebemos o agradecemos a se-
guinte participação de casamento:—

Francisco Ferreira de Araujo

Clotilde Pinheiro de Araujo

participam seu casamento

D. Felisbella Maria da Silva

Falleceu no dia 13 do mez passado no sitio Viçosa, municipio de Port'Algre, n'este Estado, a veneranda senhora D. Felisbella Maria da Silva, esposa do honrado cavalheiro Francisco Lopes da Silva e mãe do nosso esforçado compânhoeiro de trabalhos Americo Lopes, digno director d'este periodico.

A finada contava 48 annos de idade e deixa na maior consternação 7 filhos: todos soltoiros dos quaes 3 do menor idade.

Profundamente immeritos na mais indizivel magua e avaliando a altura do golpe tão violentamente vibrado no coração da dedicada familia da extinta senhora, apresentamos-lhe os nossos votos de sincero pesar.

Ao nosso collega Americo Lopes com quem convivemos na mais intima amizade, que tão brilhantemente tem cooperado para o adiantamento de nossa espinhosa tarefa que se tem mostrado o mais forte entre os fortes e a quem tão criteriosamente foi conhlada a direcção do nosso jornal, cabe-nos o dever de, quer como admiradores de seus perigrinos dotes moraes e intellectuaes, quer como coll'g's d.smesmas ideias, apresentar-lhe mais particularmente as nossas condolencias por essa sinistra eventualidade que tão dolorosamente feriu o coração do filho affectuoso—

AS ROSAS

(A' minha prima Nanninha)

As rosas que me d'este, minha prima, Guardai-as todas, cuidadosamente, Pra' q' vendo-as assim constantemente, A lembrança mais viva em mim se im-

Não sabo? Cada vez que nós olhamos Aquillo que nos faz lembrar alguém, Retratada fielmente, então nos vem A imagem d'aquella á quem amamos.

Angelita, La France, Bolla d'Ouro, Mimo das Graças...formam meu the-
(souro!)
Mas, uma despresei, dei-l-a ao chão...

Perguntarás, porem — que mal' fez elle?
— E' que não devo mais querer aquella
— A que chamam de *Homem Coração*

Natal, 1º de Janeiro de 1903

A. M.

Dor Suprema

Ao meu amigo Americo Lopes pelo profundo golpe que acaba de receber com a inesperada e dolorissima noticia da morte de sua extremosissima mãe.

O mais Inquebrantavel stoicismo, A mais rija e cruel philosophia, Não sobe firme ao auge da agonía, Não vae rindo da dor ao paroxismo!

Si Socrates o jugo do ostracismo Supportou com valente soberbia, Si o calix do cieuta elle bebia Sem a fronte curvar a o servillismo;

Não ficarla imperioso o mudo, Do mesmo modo, indifferente á tudo Si visse morta a auctora de seus dias.
[ua
Oh! não, por certo! ante essa dor suprema Não ha coração petreo que não gema Como um réo nas escuras enxovias!...

Natal, 6 de Janeiro de 1903

Fernando de C.

O ENTERRO DE ENOZ

A' sua carinhosa mão

Sob um céu lindo, de azuladas cores N'uma manhã de festas e alegria, Enoe do mal aos rudes estertores Entre os carinhos maternas morria.

E quando à tarde em magicos rubores Nas cortinas do Oceano o sol cahia, N'um branquinho calixão roseo de flo- Eilla na cova gelida descia. (res

Céus santos céus—angelica morada Da-e-lho uma franca o triumphal entra- (da Na nossa incerta o alabastrina porta.

E tu oh! terra abençoada o amiga. Dentro do seio esse corpinho a briga «Da pequenina borboleta morta.»

Natal, 4-1-1903

Silveira de Amaral.

Gondolas

Com o titulo acima recebemos um bem impresso livrinho de versos, produção do laureado poeta Norte-Rio-grandense, Dr. Segundo Wanderley, a quem agradecemos a offerta.

Opportunamente falaremos mais detahadamente sobre o —GONDOLAS—

Noutes tristes

para o Antonio Soares

Nas noutes sepulchraas do Cemitorio Chora o cypreste em loucas contorções Entoando talvez, ao céculo Sidcrico O Miserere final dos corações.

Na corola sombria de algum goivo Caem os prantos como um santo Rito, Ora, a saudosa lagrima d'um nevo, Ora, de Mãe, o dorrddeiro grito...

E percorre nos ambitos finaes Da morada tristonha dos mortuos A Esperança a emmaranhar no chão!

Assim da minha Villa á Dor immensa Gemo o mocho tristonho da Deserença Na Noute escura do meu coração!

Natal—1903

J. Galvão

A. Amoreira

TU CANTAS...

Aquella noute em que te vi cantar Com a melodia de harpas de Lepanto, Deixou minh'alma presa desse canto Que tú, scmente sabes modular.

Ainda hoje me fazem ignorar O que dizias n' elle: no outretanto Julgo que tú, flor regia de heliantho, Cantaste só por veres eu passar...

Quem sabo ó que diri aquelle verso Profundamente na tristeza immerso, Que solphejando á face me atiravas?...

Tú me deixaste envolto na incertama... E eu te direi, porem, que com certeza —Os anjos cantam como tú cantavas!

Natal, 16-12-1902

Fernando de C.

DOR

(Para minha innocente filhinha)

Dor! Companheira inseparavel da vida! Cyclone de ago que acorronta o homem a borda do Sofrimento! Agua de fogo que escaida-nos a cabeça a lagrima de gelo que atrofia-nos o coração!

Tu que nasceste com o homem, que vives com o homem e que morres com o homem para que és tão mesquinha, para que corroes tanto e tanto a alma da Humanidade? Apesar de te sentir a cada momento, ora apunhalando-me o coração, ora gangreando-me a alma, não te compre-hendo...

Será possível que todos como eu a-troze até a intam os teus efeitos? Será possível que as almas dos anjos q' vagam na terra, sintam-te tam-bem?

Não!... Se o unico consolo que ex-iste, se o unico remedio que minoras o soffrimento é a doce convicção de que estes anjos que nos consolam com suas magicas palavras, que nos acariciam com seus mellificos sorrisos, vivem exentos de tuas aduncas garras. . . Não poderão soffrer.

Tu, que dormes no denso e tenebroso véo da noite, que vives no olhar embaciado dos desgraçados, para que não és mais terrivel, para q' de um só golpe não cortas o fio das existencias amargas?...

Os mortos soffrião tambem o teu rancoroso odio? Sim! estes soffrem ainda mais que nós, estes que dormem esquecidos ao peso de fria lagge, sem que a melopea etherea dos anjos lhe mitigue o soffrimento, vivem ainda para ti... Mas, existe todavia um fio de compaixão para elles — as preces das creanças, as lagrimas da aurora, os beijos mornos do sol poente e o choro eterno do cypreste triste!

"Creança, quando rezares, reza tambem por mim" E' o gemido dos mortos, dizia Victor Hugo.

E o é realmente! Quando nas horas caladas das noites alpidas do inverno, a briza cançada transporta para o campo santo, as innocentes preces das creanças, preces incolunas que em columnas de luz, rasgam o coração trevoso do mundo e espargem além o mago perfume de suas almas, os mortos os infelizes, que viveram como o mar orgulhoso e forte mas que tambem como elles não poderam ser inderrulveis, estorcendo se no tremendo leito do sepulchro e deixando cahir por entre a fulva esada de seus rostos a lagrima a ultima lagrima do arrependimento, podem o orvalho desta prece e continuam a dormir o sono interrompido pelo eluão latoscente das orações das creanças! Assim, filha, quando eu morrer, quando eu abandonar este horrroso antro de soffrimentos, não deixes nunca de orvalhar n'us rostos com tuas ternissimas lagrimas e innocentes preces!...

Adelaide Correia Lima.

NO CONCERTO

musical de 29 do Novembrô.

I

No orpheico salão cor do amarantho derpendem-se, como de abconditos thuriferarios, nuvens estontean-tes de Houbigant.

Sob um latitudinario pallio enlourecido pelas scintillações dos holoédricos crystaes dos custosos lampadarios, • *beau monde*, como uma flor exotica das regiões aziaticas, abre magos-tosamente as petalas osculadas pela luz que diffue no salão amarantino.

N'esse mixto de luz e de perfume, n'essa atmosphera oxical se agitam soberanas cabeças acitasticas e esculpturales, de *coiffures à la Diana*; braços que Praxitétes e Scopas imitaram, ajoujados por aerophanos braceletes n' umas titillações de lyras Rothschildianas; collas roubadas ás Venus de Medicis e de Milo em palpitaciones isochronas e systalticas, que a diaphanidade das rendas da Bretanha e a trama hyalina das moussellinas o das grenadinas não conseguem occultar; corpos na aeropote da puichritude hellonica, em eurypos aerôpodos, serpenteiam sob a mudez das *toilettes* analecticas onde o olhar mergulha e se perde na profusão de fanfreluches e de folhos e de lantejoulas que a moda, como um Grão-Mogol no seu acroceraunio palacio, impõe aos agonyelitos do pur. parado dens — Luxo!...

II

Entrei. Um susurro acroamatico reinava no salão como se um compacto enxame de acharoadas abelhas do Hymeto andasse recolhendo o dourado pollen das flores. Meu pensamento qual Abáris das lendas hyperboreas de Hellas, evolou-se ás grimpas azues da farfalhante anaxese. Pensei volver ao seculo de Phidias e contemplar as divindades marmoreas do Parthenon de Athonah; julguei penetrar no Serralho do Grão-Senhor e passar em revista as monstruosidades da belleza turca que encerra o Harem; ori ver reunido um gynocœu de filhas do Stambul que trazem nos labios o agni da volupia o nas carnes o calor astario das areias do Nedjed. Aquellas mãos do marmore da Attica sustinham leques adiantifolios q', num eurypo constante, flabellavam e se fechavam como as azas das gaivotas cortando as camadas stratificadas do ether!

III

No acroterio abidal do salão os acroamaticos em perfeita onrhythmia sustinham os instrumentos sob o mando de Ageronia. A um signal os instrumentos se ergueram e as primeiras notas do «Massanillo» de Auber começaram a cahir no salão como pedras finissimas, ainda não descobertas na glyptognósia, roubadas dos thesauros dos Gnomos.

IV

Quando os euphonicos instrumentos n'uma dysthanazia umbratica soltaram as ultimas notas de uma edenica phantazia, eu lancei, qual centau-ro unicupide saggitaria, um olhar por entre os achemens dos turturinos cor-petes anacardinos e os discoides ban-

deaux prezos por acenulas papyraceas e... senti subir-me ao rosto uma tão intensa acromasia que me tornou como que acataleptico!

Uma bocca á sorrir...

Oh! Stratonice morroria de inveja se o visse...

Vermelha como um cactus, fatal como o abito...

Só os opiophagos têm dessas appareções...

Eu julguei penetrar n' uma corallina gruta de estalactites e estalagmites eurhythmicas!

Ora vinham-me aos ouvidos acusmáticos undisonos; ora uma euphonia empyrica reinava como se nayades tangerem heptacórdios dulcissimos.

Eu não invejava o sybaritismo de Ulysses na gruta de Calypso...

As vezes eu era levado á uma exuberante campina de euclasa onde assietia hypnotisado a mais deslumbrante anthere.

Uma slectura ventarola smaragda que, se agitando ameaçou esconder a quolle riso me chancou de veras á realidade.

Procurei a causa daquellas visões e mais uma vez fitando aquella bocca convenci-me que ella tinha sido o acratophoro em que eu sorvera o acratophoro oriental que me transportara aos implexos dedalos da agnoig'logia.

Natal — 30 — 11 — 1902.

FERNANDO DE C.

3908

(A' Minha estremeida Mão.)

A gente dorme na terra
Accorda, manê, no céo

«Vozes de um Anjo»

Dr. Segundo Wanderley

Bonina apenas entreaberta, alou-se Enoe, cantando, á patria da Ventura, Preco nos labios tinha um riso doce Feito de luz e feito de Candura.

N'um pequenino esquite collocou-se Seu corpinho de celica brancura, Vestidinha de branco tal se fosse Um lyrio a perfumar a sepultura.

E deixando noss'alma entrestecida, Foi gozar junto á Deus uma outra vida Que p'ra almas de neve Elle creou...

Mas a Fé, minha Mão te diz baixinho,
Que Enoe, este envolvero de arminho
— Era Anjo de Deus, p'ra Deus voou!

Natal, em 4 do Janeiro de 1908

ADALBERTO AMORIM